

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 12000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (5) NUMEROS) 12125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., CU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

ONDE ESTÁ A MORALIDADE?

O *Diario Popular* cançou-se nos ultimos dias a pretender demonstrar que as instituições monarchicas que governam o paiz são o verdadeiro regimen de moralidade, d'economia, de tolerancia e d'egualdade e que preferir-lhe as instituições republicanas seria o maior dos absurdos, alem do mais anti-patriotico intento. Não queremos responder á folha de S. Roque por varios motivos, sendo um d'elles que ninguem supponha que, consciante ou inconscientemente, auxiliemos o jogo do *Seculo* e da *Folha do Povo*. Estes jornaes sahiram-se a investir com o *Diario Popular*, não pelo zelo que tivessem do bom nome democratico e da pureza do credo republicano. Mas porque no fundo era necessario servir as tricas do costume e indispensavel preparar a campanha da traição. Bate-nos á porta um congresso republicano, e como barjonaceos não querem republicanaceos sem apoio popular, preciso se torna empregar todos os meios para que os delegados ao congresso se convençam da sinceridade dos partidarios da proposta jacinthacea e lhe votem d'esse modo a alliança que pretendem.

Pois se elles até chegaram, no seu amor acrisolado pelo republicanismo, a motejar da esquerda dynastica, quando é sabido que o sr. Jacintho Nunes, esse que todos sabiam de ha muitos annos torto pela parte de fóra mas que só de ha pouco se conhece torto por fóra e por dentro, continúa nos preliminares da venda e entrega da causa republicana aos monarchicos! Sim, quando elles chegam até esse cynismo, que ruins instinctos os d'aquelles fidos perversos! E o peor é que a massa ainda se illude com estas habilidosas nigromancias.

Não queremos, pois, responder á folha de S. Roque, como iamoz dizendo. Mas para que ninguem se esqueça da má fé com que publicou os seus artigos, má fé, porque o sr. Marianno de Carvalho, se lhe convem escrever aquillo para estar de bem com a realza, está demasiadamente convencido da mentira do que escreve, respiguemos alguns factos dos muitos que se dão por esse paiz fóra.

Aqui os temos nós de casa. Aqui está um jornal da localidade a escrever todos os dias em letra gorda que o sr. governador civil de Aveiro deve contos de réis á fazenda publica d'imposto de pescado. E' bonito, pois não é? E' moralizador? E' digno das instituições? Na opinião do sr. ministro da fazenda é digno, é moralizador e é bonito. Pois se está um jornal ha tantos mezes a pedir-lhe que zele os cofres publicos, e o sr. ministro da fazenda, em lugar de os zelar, desata a escre-

ver que não ha instituições como as santas instituições que presidem aos destinos do paiz!... E' porque elle pensa incontestavelmente que assim é que se entende a superioridade do regimen que apregoa. Corrompendo e desmoralizando.

Mais. O mesmo e citado jornal da localidade accusa, ainda quasi tambem todos os dias, o primeiro cidadão d'este districto, primeiro, está claro, pela cathogoria official, de distrahir, ou ter distrahido, para usos illegaes, os fundos destinados ás obras do quartel de Sá. Isto agora é mais grave. O nivel vae subindo!

E' mais grave porque não é já uma só accusação que o governo ouve impassivel e sereno. São duas e ambas ellas violentas! E' mais grave, porque se acolá ainda se pôde levar a cousa pelo lado de má fiscalisação, do abuso, ou como lhe queiram chamar com um nome mais suave, aqui... aqui... o nome esculda, com seiscentos mil diabos, como diria qualquer filho do paé dos pobres!

Mais. O mesmo jornal, e nós estamos fazendo prova por documentos publicos, accusou o presidente da camara municipal e referido sr. governador civil, duas pessoas mas que veem a ser a mesma como no mysterio da santissima trindade, de ter tirado seis contos de réis, para uso proprio, dos cofres municipaes.

Iribus, que d'esta feita suam as orelhas ao proprio *Zé Palavra*, homem honrado, reliquia preciosa por ser o rival do judeu errante da fabula christã, que por mais leguas que anle e que desande, nem um cabelo se lhe tinge de suor! Suam-lhe as orelhas d'esta feita, porque o *Zé Palavra* nunca distrahiu dez réis a ninguem para cousa nenhuma, quanto mais seis contos de réis!

D'onde se vê, e já o dizia o philosopho, que muitas vezes o ultimo é o primeiro e o primeiro é o ultimo.

Ora tudo isto são accusações tremendas que nós ainda não vimos desfeitas d'uma maneira satisfactoria para desaggravo condigno do accusado e satisfacção á consciencia publica. Os senhores monarchistas lamentam a corrupção da França porque na França appareceu um Caffarel, e choram a desmoralisação dos Estados-Unidos porque nos Estados-Unidos um vereador vendeu a sua honra de funcionario a qualquer negociante de caracteres depravados. Mas ou nós somos muito ingenuo, ou muito tolo para fallarmos com verdadeira propriedade, ou o caso Caffarel e o outro são titulos de consideração para aquelles paizes. Porque o Caffarel foi castigado, porque o vereador americano foi mettido por uns poucos d'annos na cadeia. Onde é que não ha ladrões?

A questão não é de ladrões, a questão é de castigo. Ora na França e nos Estados-Unidos castigam-se os delinquentes. Em Portugal, ou se premeiam ou ouvem-se accusações tremendas sem que os accusados ou o governo se defendam e justifiquem. E en-

tão, para nós, aveirenses, bem pôde o sr. Marianno de Carvalho cantar louvores á monarchia, que não nos faz senão rir.

QUESTÕES MILITARES

De modo que se apanhâmos o nosso espadachim do *Diario Popular*, o tal que nunca parte a fundo sem conhecer o jogo do adversario, em erro de palmatoria por ter dicto que os coroneis de infantaria estavam preferindo os coroneis de cavallaria, *não ha duvida que se temos razão, nem por isso a cavallaria deixa de merecer preferencia á infantaria, visto que carece de maior somma de conhecimentos e que no estrangeiro é mais bem paga e tem mais promoções do que a arma irmã*. Se lhe mostrâmos que deu um bote desgraçadissimo, não obstante as suas fumaças de jogador consumado, quando affirmou que toda a cavallaria estava preterida pela infantaria do major Garcez para baixo, *effectivamente é isso verdade, mas não temos nada que reclamar porque as vantagens obtidas pela cavallaria de modo algum pagam a differença do peso do serviço havido entre as duas armas e o augmento de despeza nos uniformes, arreios do cavallo etc.* E depois se nos rimos, aqui d'el-rei que não somos delicado, que usamos da linguagem chula e que lhe queremos dar palhoca em lugar de palhaça, já que esta pittoresca e formosa povoação do *bispado de Coimbra* lhe merece tantos e tão repetidos desdens.

Valha-nos Deus! Quem tem a culpa da nossa zombaria e riso é o adversario illustre com tantas contradicções e dislates.

Les portugais
Sont toujours gais.

Julgavamos nós que seria ironia picante da leviandade gauleza á nossa tradicional compostura e seriedade. Mas se pega o exemplo do collaborador do *Diario Popular*, se o contagio se alastra, adeus tradições e costumes nacionaes que o dicto francez sobe á cathogoria da sentença corrente.

Que a infantaria é a arma de combate a que se dedicam mais cuidados, estudos e atenções no estrangeiro, como a mais essencial, que é, para a guerra, escusâmos nós de o dizer, que é sabido de toda a gente que estuda. Entretanto, vê-lo-hão os leitores do nosso artigo seguinte.

Que a tal differença de peso é um disparate sem nome, deduz-se dos acontecimentos que se succedem diariamente. Ainda ha dois dias, enquanto a infantaria em massa se sacrificou n'um serviço perigoso e violentissimo, como o do cordão sanitario, tão perigoso e tão violento que lhe ficaram lá dezenas de vidas, ao passo que centenas de soldados cahiam doentes, a cavallaria só por uma percentagem insignificante tomou parte n'esses combates da campanha do cholera, que custaram tantos incom-

modos, á parte a perda dos homens, como os combates da guerra. Ainda outro dia a infantaria do continente esteve arriscada a ir defender a bandeira portugueza em Africa, e arriscada está a marchar para lá a cada instante, porque d'um instante para o outro se pôde erguer um serio conflicto em colonias tão vastas como as nossas, ao passo que a cavallaria esteve e está longe de riscos tão graves. E se não foi lá a infantaria do continente, lá está a infantaria africana e a infantaria de marinha sacrificando todos os dias a vida pela patria. Se na existencia de caserna o serviço da cavallaria é mais massador que o serviço da infantaria, de sobejo esta paga esses descancos pelas contingencias difficeis da sua missão especial. E' a infantaria que vae para as ilhas quando lá surgem desordens, é a infantaria ameaçada d'ir para a Africa quando a paz lá é perturbada, é a infantaria que d'ordinario vae restabelecer a ordem a todos os cantos do paiz onde é alterada, é ella sempre que marcha primeiro ainda que a cavallaria marche depois se fór possivel ou se fór necessario, e vem um individuo qualquer com os pergaminhos do seu serviço interno, dizer-nos que a cavallaria deve ter mais promoções que a infantaria para pagar a differença do peso do serviço e dos uniformes e arreios do cavallo. Ora... cebo!

Tem uniformes mais caros? Também tem esporas que seduzem as bellas. Tem despeza de arreios? Também tem cavallos que captivam as damas. Então as glorias não se pagam? Se tudo isso é mau, para que foram para cavallaria? Ficassem peões, desconhecidos, modestos, ignorados. Não ha rosas sem espinhos, meu amigo antagonista. Sempre o ouvimos dizer e sempre o acreditâmos.

Porém, não percâmos com divagações as restantes bellezas dos artigos do *Diario Popular*.

Eis aqui uma. Nós tínhamos dicto, e no decurso d'estes artigos ficou bem provado, que nunca houve da parte de quem quer que fosse do ministerio da guerra, favoritismo ou parcialidade para as promoções da infantaria. O *Diario Popular* responde: «Diz ainda o republicano d'Aveiro, como quem falla d'esto:zago bem conchegado e anafado, que não tem havido favoritismo nem parcialidade no modo como tem corrido as promoções! O que diria o escriptor da freguezia de Palhaça (tem uma vontade a palhaça, o diabo do homem!) se visse mandar para a guarda fiscal 113 officiaes de cavallaria e apenas 4 d'infanteria? E não nos venha dizer que a culpa foi do ministerio da fazenda, que assim fez a requisicção; a culpa foi do ministerio da guerra, que não avisou o requisitante do estado das promoções das duas armas, para assim se harmonisar tudo a tempo.»

E esta? E que tal o arrojo do D. Cid espumante? Não se atreve ainda a perguntar-nos o que diriamos se para a guarda fiscal

fossem 113 officiaes de cavallaria e 4 d'infanteria? Diriamos que era a maior das poucas vergonhas, homemsinho de Deus, que nos fazeis perder a paciencia com tanta tolice! Diriamos que era um escandalo sem nome, ainda mesmo que fosse certo haver o que escreve na promoção das duas armas, porque os officiaes de cavallaria nunca podem commandar companhias d'infanteria. Não lhe dizemos que a culpa foi do ministerio da fazenda, não, nem que foi do ministerio da guerra. Dizemos-lhe apenas que quem ousa admitir que as companhias da guarda fiscal sejam commandadas por officiaes de cavallaria, deu taes ideias dos seus principios de tactica e d'organisação militar, sendo os batalhões da guarda fiscal militares, como são para todos os effeitos, que não merece que ninguem mais discuta comsigo. Ou defende uma cousa d'essas só por interesses e consciante do absurdo que resulta d'ahi e então nós depomos a penna, ou defende-a com sinceridade e então é d'uma ignorancia tal que não ha remedio para ella. E' perder tempo com ruim defuncto.

Lá estão na guarda fiscal secções de cavallaria commandadas por officiaes da respectiva arma. Ninguem usurpou á cavallaria os seus direitos e as suas attribuições. Ora agora pôr officiaes da mesma arma, ou como commandantes ou como subalternos das companhias d'infanteria, seria o cumulo da desordem e da insensatez. Pois vejam o puritano do *Diario Popular* que defende tal cumulo!

E é aquillo que vocifera e grita contra a primeira repartição do ministerio da guerra, contra a reforma do exercito, contra as vantagens da infantaria, e contra nós por termos bossa para defender o abuso e o escandalo. Vá lá. Seja em castigo dos peccados que te nhâmos praticado. Bem diz elle que a *Providencia* nos castigou! E' verdade, em nos ter dado um adversario de tal ordem.

Emfim, para que não faltasse nada ao nosso bom antagonista, até se farta d'exclamar a cada passo que *ajudou a desenvolver a infantaria*. Como? Em quê? Ainda poderia allegar um pouco isso, apesar de não ser verdade em absoluto, se tivesse feito parte da commissão de reforma do exercito. Mas que não fez parte d'ella, não restam duvidas a ninguem. Primeiro, porque o official de cavallaria que entrou na dicta commissão é um official intelligente e não escreveria os dislates que ahi ficam apontados. Segundo, porque é um homem sério. Tendo accettato um lugar de collaborador na reforma do exercito, não diria que essa reforma foi um golpe traiçoeiro e immoral, que uma dictadura, que é ao mesmo tempo uma vergonha na historia do exercito e um desprestigio para o bom nome da nação, vibrou á cavallaria. Terceiro, porque tem fundada reputação de cavalheiro, e esse preito folgamos de lhe prestar, já que o articulista nos accusa d'inimigo acerrimo da cavallaria. E sendo

um cavalleiro, nunca escreveria nem podia escrever, pedindo a revogação da lei organica de 18 de novembro de 1859, que essa lei foi elaborada por gente limpa e recta, que estudou o assumpto á luz das conveniencias geraes do exercito e não, como a celebre revolta, sómente para repasto d'interesses de caracter parcial, dando d'este modo claramente a entender que os seus collegas da ultima reforma do exercito, seriam gente suja e não recta. Quarto, porque o illustre militar a que nos vimos referindo parece-nos que foi sempre de politica opposita á politica progressista e não cahiria agora, sem profundo desdouro que os seus brios não supportariam, aos pés da gente que vive no poder tecendo-lhe os panegyricos que lhe tecem os artigos do *Diario Popular*.

Afastadas assim as minimas probabilidades, para quem lê, que a nós nunca tal ideia nos passou pela cabeça, de que pudesse ser auctor dos artigos do *Diario Popular* um escriptor publico, membro da cavallaria e da ultima comissão de reforma do exercito, perguntámos: — em que auxiliou o antagonista a infantaria? Quando, onde e como a ajudou a desenvolver-se? Como se atreve a essas fingidos zelos, quando o seu fim, avançando o que avançou no jornal do sr. ministro da fazenda, não é senão comprometter e depreciar a infantaria? Muito obrigado pelos seus auxilios. Mas creia que todos os officiaes d'infanteria lh'os dispensam.

Em resumo, parece-nos ter chegado á evidencia manifesta do que se segue. Todos os officiaes generaes, coronéis, tenentes coronéis e majores da cavallaria vão mais adeantados, em promoção que os correspondentes officiaes d'infanteria. Todos, ou quasi todos, os capitães de cavallaria percorreram em menos tempo os postos subalternos que os actuaes capitães d'infanteria. Se alguns dos subalternos de cavallaria vão mais atrazados que alguns seus collegas d'infanteria, a culpa não é da reforma do exercito, mas da falta de perspicacia e de tino dos proprios interessados que invadiram a escola do exercito n'uma proporção estranha a todos os dictames de boa ordem e regularidade.

Accusa o antagonista de responsavel pela excessiva quantidade d'alumnos que frequentaram o curso de cavallaria, os respectivos ministros da guerra. Supponhâmos. N'esse caso a infantaria não tinha nenhuma culpa d'isso para que attribuisse as suas promoções a favoritismos e escandalos de que tem usado para com ella? Supponhâmos. Porém o que é verdade é que nenhum ministro introduz a desordem em qualquer ramo do serviço publico por livre vontade e prazer. Ora se os ministros da guerra toleravam a invasão dos alumnos de cavallaria na escola do exercito, se nem attendiam ás reclamações do director da escola, como escreve o *Diario Popular*, é porque esses alumnos, por si, pelos seus paes, ou por outras das suas influencias coagiam o ministro a um tal procedimento. Cabeças doidas de rapazes, deslumbrados pelo effeito espectacular da arma de cavallaria, correram em massa para ella sem repararem nas difficuldades da sua vida futura. Hoje que reconhecem o erro é natural que procurem os culpados fóra das suas pessoas, como de resto é a inclinação de toda a gente, e então o culpado é o ministro que teve em tempo a franqueza de os ouvir e a infantaria o bode expiatorio de soffrimentos que não pôde alliviar.

Dizer isto é offender os alferes graduados ou alguém? A verdade é dura muitas vezes, mas lembrem-se de que é sempre respeitavel. Entretanto, desfeitas as causas transitorias de morosidade que apontámos no numero anterior, os subalternos de cavallaria

voltarão immediatamente a ser mais favorecidos que os infantes. Porque enquanto é de 1,30 para 1 a proporção na infantaria dos subalternos para os postos superiores, é apenas de 1,26 na cavallaria. E contra isto não ha jere-miades que valham nem sophismas que prestem para nada. Factos destroem-se com factos, temos nós dicto por mais do que uma vez ao *Diario Popular*. Elle que aceite a advertencia e será possivel que triumphem.

Concluiremos.

Bandalhos? Sempre os mesmos.

O *Seculo*, que tece panegyricos a todos os palifes, não teve uma palavra para noticiar a morte de Antonio Mourão. Era um bom republicano, era modesto e era honrado. Motivos mais do que bastantes para que o *Seculo* não pudesse dizer nada.

Bandalhos? Sempre os mesmos.

DE LARGO!

Appareceu ahí na sexta-feira, covarde e anonymamente introduzido por debaixo das portas das casas da cidade, como covarde e anonymamente fóra feito, um papelucho, por isso mesmo indecente, em que o chefe da nação era insultado n'uma linguagem tão falta de senso como destituída de grammatica. Pois houve quem nos attribuisse a paternidade do porquissimo papel!

Soceguem os irritados e irritaveis monarchistas. Não é uma satisfação que vamos dar ás suas irritabilidades. Não é tambem uma reprimenda á triste ideia que fizeram do nosso estado litterario, que suppunhamos não permitiria os desconchavos que encerra o papelucho, e dos nossos brios que julgavamos provados. É uma escovadela ás nossas botas de republicano com decencia que as republicaniceas poderiam ter sujo.

Não, não fomos nós que enjorcámos a proclamação pelintra. Primeiro, porque nunca a nossa penna se molhou no tinteiro dos covardes. Quando queremos escrever alguma cousa, muito violenta ou pouco violenta, insultuosa ou não insultuosa, é para que todo o mundo saiba quem foi que a escreveu. Segundo, porque nunca fomos saltador, ou da honra ou da deshonra alheia. Nunca ninguém pelas trevas, onde não haja responsabilidade, nos viu erguer o punhal do miseravel sobre o viandante que passasse, ainda que esse viandante fosse um torpe. Terceiro, porque o que nós dissémos d'uma vez fica dicto para sempre, e nós já tínhamos dicto a maneira de se receber o rei.

Não senhores; arredae a vossa baba, que acima d'ella está a dignidade que prezâmos. A nossa tribuna publica é esta do jornal. Quando necessitamos de dizer alguma cousa, subimos á tribuna e dizemo-lo.

Não senhores; que nós sempre preferimos discutir principios a discutir o rei. E os que discutem só o rei, são os grandes miseraveis que tanto pregam hoje a revolução, como mendigam um osso nas secretarias d'estado, como defendem amanhã as fusões republicaniceas.

Não senhores; que enquanto o rei fór a consagração do maior numero, como tal se ha de impôr ás minorias, que, se não tem acatamento pelas virtudes que lhe faltam, hão de ter a deferencia indispensavel ás suas funcções publicas.

Esta é que é a boa e a profunda educação politica em todos os povos que pensam e que trabalham. Se a não tem esses biltres, que nem ao menos vêem a corteza com que os monarchicos francezes tratam o presidente da

republica, esses biltres que nem por o seu esbravejar contra o chefe do Estado teem deixado de inutilisar a democracia em Portugal, ha muita gente que a tem na no partido republicano portuguez.

Fiquem n'isto os que já nos deviam conhecer.

Quereis indagar do papelucho? Olhae-lhe para o typo, para o papel e para a fórma e tereis sabido d'onde veio. Reparae em roda dos garotos que pullulam na cidade e tereis conhecido quem o distribuiu. E d'esse modo nunca mais confundireis os que escrevem á luz do dia com os que sujam a imprensa em miseros anonymos. Se os abusos da imprensa, ainda os maiores, merecem a benevolencia de todos, não merece o minimo respeito nem a minima contemplação o salafrio que escrevinha sem responsabilidades. Temos dicto.

Carissimo collega sr. *Damião de Goes*, a polemica vae realmente muito massadora e monotonu por culpa de v. s.ª, que na situação em que se collocou não ha que discutir. Desde que o amantissimo collega admitta como a cousa mais natural d'este mundo e do outro, ou de todos os mundos conhecidos, que os chefes republicanos possam ser lealissimos á causa que defendem e ser ministros da monarchia, claro é que nunca esta discussão será uma verdadeira lucta d'intelligencias, nem sequer jogo d'esgrima em que, ao menos pelo que nos toca, possamos mostrar a nossa habilidade e destreza de jogador. Deus nos livre de vir buscar aqui os nossos fóros d'esgrimista! Porque mesmo triumphando, seria um facil triumpho que não nos ergueria da obscuridade em que vamos vivendo ha muitos annos.

Foi, por conseguinte, inutil todo o seu trabalho para desfazer o folheado em que, segundo a sua opinião, a questão já mal se distinguia. Porque nunca ella sahio do seu terreno, nem nos convinha que sabbisse. Como o collega a collocou de principio é que nos convem e é que nos serve, desde que ha de ser o publico o juiz d'esta contenda.

Nós perguntámos: Se amanhã vir o sr. Jacintho Nunes ou o sr. Consiglieri Pedroso ministros da monarchia continua a tê-los na conta de homens honrados e fieis á causa republicana? O collega respondeu logo—sim senhor. Parece-nos que não duvidará de que foi esta a resposta que nos deu!

Se sim senhor, que diabo! é tempo perdido e papel mal gasto a lucta em que andamos envolvidos contra os especuladores da realza. Porque o sr. Oliveira Martins pode-nos dizer que nunca abdicou dos seus principios democraticos, e que só para os servir com efficacia como ministro da monarchia e deputado de sua s.ª o regedor é que mudou de processos e conducta. E é exactamente o que elle diz! Porque o sr. José Luciano pode-nos dizer que nunca renegou os seus velhos artigos anti-realistas. Porque o sr. Lopo Vaz, Manuel de Assumpção e tantos outros podem-nos dizer, como realmente teem dicto muita vez aos seus amigos, que não serviriam melhor as suas antigas doutrinas republicaniceas e os interesses da democracia ficando na opposição a combater que seguindo o caminho que seguiram. Sabe-se como cada um d'eles exclama a cada passo:—não ha ninguém mais republicano do que eu!

Ora, na verdade, entre esses que citámos e o sr. Jacintho Nunes e Consiglieri Pedroso, ministros da monarchia, não reconhecemos, como ninguém de boa fé, a não ser o collega, reconhecerá differença alguma. Salvo a differença de serem mil vezes mais indecentes e mais torpes que os outros. Porque nenhum d'estes se comprometteu na propaganda republicana da fórma porque se

comprometteram os sicarios do directorio.

Pois o collega não repara na conclusão, profunda e sabiamente logica, a que as suas palavras vão parar? Não vê que as suas theorias são carreira aberta para todos os especuladores e para todos os tratantes? Valha-o Deus! Respeitamos o seu modo de sentir porque sabemos que é sincero. Mas não podemos deixar de lamentar uma cegueira de tal ordem.

A sua teimosia lembra a d'aquelle, a quem por consenso unanime se mostrasse que uma pedra era pedra, e elle persistisse em affirmar que era pau. Não se lhe taparia a bocca, respeitar-se-hia a teimosia, quando se visse que era dictada por uma convicção profunda, como a do collega n'estes casos. Mas no uso da mesma liberdade seria impossivel evitar que os circumstantes se retirassem, uns pasmando outros rindo.

Não, ninguém lhe tira a questão do seu verdadeiro pé, não nos julgue tão inhabeis como isso. Nós dissemos que seriam traidores, vendidos e apostatas os chefes republicanos, depois da attitudem que teem tido até hoje, se chegassem a ser ministros do sr. D. Luiz de Bragança e mesmo antes de o serem provada a intenção de o quererem ser. O collega respondeu que não, porque nem elles seriam ministros do sr. D. Luiz de Bragança, mas ministros da monarchia. E então que não, que sendo ministros da monarchia estava bem!

Replicámos-lhe que separar o rei da monarchia só por brincadeira se poderia admitir. Que o rei era a monarchia e a monarchia era o rei á face do bom senso e até do colligo constitucional que nos governa. O collega persistiu que não, que a carta nada servia para o caso. «Alli está ella a um canto coberta de pó; nem a queremos vêr.»

Soberbo! Merece-lhe tanto desdem a carta constitucional, que nem ao menos a quer ver, e não lhe merece nenhum tedio o facto dos republicanos serem ministros em nome d'essa carta? Então não sabe que o sr. Jacintho Nunes não pode ser ministro sem reconhecer o colligo fundamental da monarchia? Não sabe que esse reconhecimento vae no proprio facto d'elle ser ministro? Não sabe que a carta é a pedra angular das instituições presentes e que se não pode entrar no poder executivo sem acceitar uma cousa e a outra? A carta não vale nada para quem nada quer da monarchia. Para quem quer servir com ella e servir-se d'ella politicamente, a carta vale tudo.

É um bom modo de discutir! Deixe lá... não faça caso... ponha de banda...

Sim senhor. D'esse modo o collega adquiria a immortalidade! Continuaremos no domingo, que não temos hoje espaço para mais, infelizmente.

CARTA DE LISBOA

28 de outubro.

Enquanto o rei no norte recebe as homenagens dos seus subditos fieis, por entre o troar das acclamações desde o Gerez até Aveiro, rendia-se Grandola aos pés do rei do sul, que altaneiro e aprumado, com a linha magestosa que falta ao seu rival, acceitava a submissão dos seus humilimos vassallos, que n'um hossanna ao excelso Bonga do Alemtejo prestavam preito de dedicacão infinda e fidelidade eterna.

Nem só o *Diario Illustrado* tem enthusiasmos de chronista exaltado para sua magestade el-rei D. Luiz. Sua magestade el-rei Jacintho, imperador da republica portugueza, á falta de sua magestade Sebastião I. que está invalido, tem fanaticos maiores, com maiores enthusiasmos, maiores festas

e maior jornal, que é o *Seculo*. Bem dizem os seus admiradores, que D. Jacintho, que Deus guarde por muitos e bons annos, ainda ha de fazer com que o Bragança insolente lhe curvasse o joelho e curvaz para felicidade d'estas terras e gloria d'esta raça heroica da republicaniceas. Grandola attentou-o ao paiz e depois da sagração do Alemtejo, onde foi coroado imperante o auctor das modernas formulas democraticas, nem os maldizentes osuarão deixar de se prender ao carro triumphal que leva o heroe ao Capitolio. Sol, grande sol, que eclipsaste tudo com o teu brilho fulgurante!

Ridiculo, ridiculo, tres vezes ridiculo! Pelo ridiculo matámos a corte do sr. Magalhães Lima. Pelo ridiculo havemos de matar a corte d'este, que é dez vezes mais insignificante e mais risivel.

«Inauguração do julgado municipal. Praça vistosamente decorada, iluminação profusa para a noite. Milhares de pessoas, em cortejo civico, percorrem as ruas com Jacintho Nunes, o heroe da festa. A camara, em sessão solemne, distribue premios a alumnos das escolas e inaugura entre as mais ruidosas acclamações a rua Jacintho Nunes. O grande democrata recebe os vivos expansivos com aquella modestia e lhaneza que o caracterizam. Satisfacção geral. Animação extraordinaria. Grandola comprehende o seu campeão, paga-lhe ruidosa a sua tenacidade, enquanto o paiz vae recebendo serviços do descentralisador, que mais tarde tambem lhe hão de ser pagos com expontanea, sincera e affectuosa gratidão.»

«Em Campanhã recepção entusiastica. A decoracão das ruas é soberba. Os populares dão vivas. A satisfacção é geral. Vê-se a alegria em todos os rostos. El-rei prodigalisou affagos e carinhos aos doentes do hospital.»

«Braga. Sua magestade a rainha sahio hoje a passeiar. Sentou-se na relva, com aquella modestia e lhaneza que tanto a caracterizam, e desenhou.»

Telegrammas do *Seculo* e do *Diario Illustrado*! El-rei no norte, el-rei no sul. Mas el-rei do sul ofusca el-rei do norte, pelo menos no calor dos telegrammas!

Entretanto terao os leitores, que já perceberam o que é, interrogado a sua consciencia sobre a maneira porque o imperador republicano, sempre á falta do sr. Magalhães Lima, está claro, que a primeira realza é essa, dispõe assim das graças publicas. Grandola acclama-o. Grandola chama-lhe heroe, porque? Porque obteve o julgado municipal pelo alto favor do grande democrata. Elle é heroe, elle é campeão, elle é Nunes, porque elle arranjou para Grandola um julgado municipal,

D. Jacintho é heroe!
D. Jacintho é leal!
Que Jacintho adquiriu
O juiz municipal.

Este Nunes é famoso
Para bem negociar.
A vida d'elle é negocio
A vida d'elle é ganhar.

Viv'o senhor dos arranjos
Viv'o Nunes adorado
Que arranjos para Grandola
O nosso bom julgado.

Coplas que esqueceram ao chronista nos telegrammas para o *Seculo*, mas que não podiam, sem criminoso sacrilegio, deixar de ser cantadas pelo povo da famosa aringa do celeberrimo heroe!

Tanto monarchico abandonado por esse paiz fóra! Tanta terra realista esquecida dos governos! E os republicanos é isto que se vê. Elle são empregos, elle são julgados, elle é tudo para elles. Coisas da vida. O mundo é uma bola, já lá dizia o outro.

O que no meio de tudo é revoltante é a indifferença e a cegueira da massa republicana. Estão-se-lhe a metter pelos olhos

dentro as provas manifestas da traição dos dirigentes e ella, em lugar de os correr, se os não acompanhava com o entusiasmo d'outros tempos, pelo menos silenciosamente lá vai indo atraz d'elles. E' uma vergonha.

O julgado municipal de Grandola é o primeiro premio da apostasia do sr. Jacintho Nunes. Sabe-se que este homem, sem valor intellectual e capacidade politica, não seria nada faltando-lhe a influencia eleitoral do seu concelho. Elle proprio o reconhece e por isso, como Grandola se enfastiou d'um predomínio tão pesado sem proveitos e deu indícios manifestos d'esse enfado, Jacintho Nunes, no ultimo inverno, para que lhe não fugisse o unico elemento de peso para a sua ostentação, offereceu os seus serviços ao governo em troca de concessões para a sua terra. Como então a candidatura Fuschini, que se preparava pelo circulo de Grandola, era mal vista do governo, este aceitou o offerecimento e em troca dos votos do sr. Jacintho Nunes prometteu o julgado municipal, que era a grande reclamação de Grandola, e umas estradas de interesse local. Vendo, porém, o sr. Fuschini a impossibilidade de lutar contra uma colligação d'aquella natureza retirou a sua candidatura e o auxilio de Jacintho Nunes deixou de ser preciso. Foi então que este, pavão de jactancia que não quer mais que figurar, se lançou com desespero na propaganda revolucionaria. Entretanto, bem aconselhado, voltou atraz e passou a continuar as suas transacções com a monarchia. D'ahi a confirmação das promessas do governo com o julgado municipal, cuja inauguração se realison ha dias com o *brilhantismo* que os telegrammas do *Seculo* referem.

Isto não é caluniar ninguem. Os factos ahí estão patentes e claros sem deixarem duvidas nenhuma. Como dizem os telegrammas, um dos quaes eu transcrevi atraz, Jacintho Nunes foi o heroe da festa, o campeão de Grandola, que lhe *pagou ha dias ruidosa a sua tenacidade*. Quer dizer, foi Jacintho Nunes que obteve para Grandola o julgado municipal. Devem-lhe a sua influencia. Ora um republicano não obtem favores tão importantes, nem tem influencias monarchicas de tal ordem.

Para nós, e para toda a gente que tem senso, Jacintho Nunes tinha-se vendido á realza desde a sua celebre proposta no congresso. Hoje, com os factos de ha dois dias, nem mesmo os insensatos deixarão de acreditar o mesmo se não estiverem doidos completos. E' homem ao mar.

—Prometti-lhes na minha ultima carta commentar a resolução do sr. Manuel d'Arriaga despedindo-se de vereador municipal. Não tem muito que commentar.

Como se sabe, o sr. Manuel d'Arriaga foi o unico dos chefes republicanos que teve a dignidade precisa para não aceitar as indecorosas transacções monarchicas. Essa attitude correcta valeu-lhe uma guerra de morte dos infames apostatas, que chegaram a romper relações pessoas com elle, *tolerantes e bons* como foram toda a vida.

Postas as cousas n'esse pé, o sr. Manuel d'Arriaga entendeu que não podia aceitar a camaradagem dos seus collegas no municipio, e escreveu uma carta ao *Seculo*, antes das eleições, declarando que não aceitava a inserção do seu nome na lista republicana. O *Seculo* não lh'a quiz publicar, allegando que tal publicação iria prejudicar o acto eleitoral. Passado este, o sr. Arriaga insistiu. O *Seculo*... moita. Então o sr. Arriaga escreveu uma carta para o *Diario de Noticias*, declarando aos do *Seculo* que seria publicada no jornal monarchico, se o jornal, tambem monarchico, mas que ainda se diz republicano, não dêsse publicidade ás

que lá tinha. Foi então que a gente do *Seculo* se resolveu a dar publicidade ás cartas do sr. Arriaga, no fundo da segunda pagina e com a frieza habitual d'aquelles rancorosos miseraveis!

Está, pois, travada a lucta. D'um lado o sr. Arriaga com os bons principios e as tradições republicanas; do outro lado os bandoleiros que pretendem entregar a democracia á realza. Se o sr. Arriaga persistir no seu caminho e erguer com firmeza a bandeira da republica, merece a adhesão e o apoio de todos os verdadeiros democratas. Oxalá que não recue!

Y.

CARTA DA BARRADA

Outubro, 28.

Temos que nos penitenciar. Suppunhamos que a Bairrada se fizesse representar ostentosamente nas festas reaes d'Aveiro. Suppunhamos que os comboyos do dia transportassem hoje á formosa cidade do Vouga a fina gemma da fidalguia bairradense e o importante nucleo dos amigos e compadres do sr. presidente do conselho, seus eleitores de ha dois dias; mas, segundo somos informados, pouca gente d'aqui se deu ao trabalho de ir passear a sua importancia junto das reaes foliás que a capital do districto dispensou ao monarcha. Pois choveram os convites, as circulares e as investidas para ir pessoal a Aveiro. Por pouco que não nos chegavam tambem as circulares da camara e da junta geral para *abrilhantarmos as festas com a nossa presença*. Era caso de se recrutarem cabeças, fosse onde fosse, para dar brado e luzimento á festa. Que famoso ensejo para uma curiosa exposição de casacas archeologicas e de velhos e sebentos chapens altos! Mas, oh! caso tetrico! nem as proprias auctoridades progressistas da Bairrada tomaram a serio os convites, porque, ao que nos consta, deixaram-se ficar mudas e quedas, desamparando o rei e o seu mais dilecto ministro na ultima das recepções officiaes pelas terras da Parvonía, recepção, da qual, por ser a derradeira, seria mister que as magestales conservassem as mais gratas impressões!

Francamente, não temos que fazer commentarios a este singular procedimento dos amigos do sr. presidente do conselho, porque o seu melhor commentario é o desapontamento que o facto causaria ao seu primeiro ministro do rei.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

No nosso ultimo numero sahiram algumas incorrecções typographicas, como *midone*, mais inferior etc, que o bom senso dos leitores attribuiria ás causas conhecidas nos jornaes.

Em consequencia do desastre que lhe succedeu no ultimo sabado, continúa ainda n'um estado bastante grave o nosso querido amigo sr. Fernando Christo.

Que elle meliore dentro de pouco tempo são os nossos mais ardentes desejos.

A recepção á familia real esteve muito abaixo d'aquillo que nós julgavamos. Tinhamos quasi a certeza de que a régia comitiva seria recebida friamente, mas o que nunca suppozemos é que essa frieza se manifestasse por uma forma tão esmagadora.

E' certo que affluia muito povo pelas ruas, quasi todo levado por simples curiosidade, como o faria se se tratasse de qualquer

brincadeira de estrudo, mas nem um viva, nem uma unica manifestação. Esta é a verdade, que todos nós presenciámos, e que ninguem de boa fé poderá contestar.

Quem viram os senhores levantar vivas á familia real? Ninguem, a não ser um parvo que para ahí ha, um verdadeiro famiento, que havia sido préviamente encarregado de representar esse papel ridiculo, o unico para que tem vocação.

Pois os senhores não viram que o *Francisquinho das Noticias* veio agarrado á carruagem real desde a estação até á rua de Jesus e d'aqui até ao edificio do Gremio, rodeado d'uma garotada miúda, esfarrapada, que ia levantando uns vivas inconscientes que se sumiam no espaço e a que ninguem correspondia?

Podem os parlapatões vir dizer que houve grande entusiasmo, grande animação, mas convençam-se de que já não illudem ninguem, porque a verdade está acima de todas as suas bajulices. Se não fossem os vivas levantados por aquelle bobo de suissas, que aliás não tiveram importancia nenhuma, a familia real passaria por essas ruas no meio do maior silencio.

A' noute, quando a régia comitiva retirou, a cousa foi ainda melhor. Como o *Francisquinho* já não porlesse berrar, uma sucia de borrachões seguia atraz do carro real, levantando uns vivas muito avinhados e fazendo um barulho capaz de acordar um morto. Não sabemos se elles foram encarregados por alguém d'aquelle serviço, mas o que é certo é que aquillo foi a maior vergonha que se tem visto. Se não era troca, parecia-o.

Não podemos deixar de censurar a maneira porque alguns bombeiros andaram, indo atrelados á carruagem real até á estação, a exemplo do que o *Francisquinho das Noticias* tinha feito de dia. Francamente, aquillo foi nojento e é digno da maior censura. Causou-nos pena a triste figura que fizeram. Emfim, seria em testemunho de reconhecimento pelos favores que a companhia deve ao sr. D. Luiz...

Afinal o *elegante pavilhão* não serviu para cousa nenhuma. Estava destinado para lá tocar uma phylarmonica, mas foi cousa que lá não appareceu, porque, a elle não ser aproveitado para aquillo que nós já disémos, não servia para mais nada. Foi boa para a garotada se empoleiar.

Tambem em frente ao Gremio havia sido construido um coreto para a banda d'infanteria 23 tocar, mas afinal o povo é que se aproveitou d'elle, porque a banda tocou no atrio d'aquella edificio. Este coreto ficou bastante caro, apezar de não ter nada de notavel.

Não vale a pena fallar no que se gastou inutilmente, porque isso é dominio de toda a gente. Basta apenas lembrar o que se passou no Gremio, onde uns mandavam fazer uma cousa e outros mandavam logo em seguida desmanchar, desperdiçando-se assim dinheiro á larga. Na Barra tambem se consumiu muito dinheiro inutilmente com preparativos, não chegando a familia real a ir lá.

Vá o povo tomando nota de todas estas cousas e veja como abusivamente se desbarata o seu dinheiro. Não julgue que a festa lhe ficou de graça: ha de pagal-a toda com lingua de palmo.

As coisinhas melhores da festa: O passeio pela ria, em que esta, alem das suas bellezas naturaes, ostentava um aspecto soberbo toda coalhada de barcos; e a illuminação, que se estendia desde o largo do Cójo até á ponte de S. Gonçalo, dando um effeito surpreendente ao canal.

Tudo isto, porém, ficou muito caro, pois que só com a illuminação se dispendeu um conto de réis.

Uma nota triste dos festejos:

Ao largar do caes o barco em que ia a camara de Ihavo, na occasião do passio pela ria, incendiou-se uma porção de foguetes que ia dentro da proa, ficando muito queimados um rapaz e duas mulheres.

Alguns rapazes que acudiram salvaram umas creancinhas que tambem iam no barco e que certamente morreriam queimadas se elles não fossem d'alli arrancal-as. Parece que os foguetes se incendiaram devido ao pouco cuidado de quem os estava a lançar ao ar.

Para as pessoas queimadas é que a festa ha de ficar sempre de lembrança.

Entrou no 9.º anno da sua publicação o nosso collega *A Voz do Operario*, orgão da classe dos manipuladores de tabacos.

Tambem entraram no 2.º anno de publicação os nossos collegas *O Covilhanense* e *a Folha de Elvas*.

Felicitemos-os.

Ha dias registrou-se civilmente na administração do concelho de Cintra um filhinho do sr. Antonio Francisco Vieira, antigo capitão da marinha mercante.

O neophyto recebeu o nome de Antonio.

Sahem brevemente as primeiras folhas da segunda edição do romance *As doidas em Paris*, considerado o melhor de Xavier de Montepin. Está traduzido em hespanhol e italiano, e conta já diversas edições.

A empreza editora Belem & C., de Lisboa, obteve as gravuras que sahiram na edição franceza, o que tornará o livro ainda mais interessante, e offerece a cada assignante por brinde um album do Minho com vistas de Vianna, Braga, Bom Jesus, Gerez, Guimarães, Ponte de Lima, Povoa de Varzim, Vizella, etc.

Este livro é tão attractivo e o romance tão cheio de interesse, que não pomos duvida em affirmar que, quem ainda não tem esta obra, aproveitará de certo agora a occasião.

Veja-se o annuncio.

Segundo consta, foi coberta pela Companhia do Caminho de Ferro do Norte e Leste a subscrição de 20:000\$000 réis para a construcção do ramal do Furdouro.

A camara de Moura chegou ultimamente a dever sete mezes de ordenados aos professores primarios, um dos quaes, para matar a fome á familia, teve de ir á caça dos pombos mansos!

Recebemos do Porto o n.º 17 do curioso semanario *O Camões*, que dia a dia se vai tornando mais interessante. O primeiro artigo d'este numero é de Anthero de Quental. Traz mais um conto-sinbo intitulado *Lua de Mel*, um artigo historico acerca da rainha Christina da Suecia, etc. Tudo de molde a promover a vontade de ler-se.

O preço avulso de cada numero é agora de 10 réis.

Parece que o sr. ministro da justiça tenciona apresentar ao parlamento uma proposta para que o Estado adquira as penitenciarias de Coimbra e Santarem, destinando esta para mulheres e fazendo construir ainda outra.

Estabelecer-se-ha que a prisão correccional seja sempre cumprida nas penitenciarias districtaes e comarcãs.

Deu-se ha dias um horrivel desastre em Algodres da Raia. Andava José da Nora, do lugar de Azeve, concelho de Pinhel, a lavar um tonel com aguardente, e como lhe escaceasse a luz, pediu ao amo lhe allumiasse com uma

candeia. Este assim o fez, mas com tão pouca cautella que, chegando a luz á aguardente, o liquido inflammou-se logo, dando morte horrivel ao desgraçado que estava dentro do tonel.

A *Pall Mall Gazette* falla d'um novo escandalo que vai brevemente ser liquidado n'um dos tribunaes de policia de Londres.

Um *baronnet*, de 30 annos, muito conhecido na alta sociedade de Londres e nos clubs, é accusado de ter raptado e seduzido uma rapariga de 13 annos.

Foi assignado ha tempos um mandado de captura contra o *baronnet*, mas elle teve o cuidado de sahir a toda a pressa da Inglaterra.

Para o continente seguiu um agente secreto, munido de todos os poderes para um pedido de extradição.

Entrou ha dias no porto de Copenhague o vapor dinamarquez *Morso* rebocando a escuna russa *Johannes*, a bordo do qual se dêra um tragico incidente.

O *Morso* apercebera a escuna no mar Baltico fazendo signaes de desespero. Aproximou-se, mas não distinguio ninguem.

O capitão mandou então alguns homens a bordo do *Johannes* no qual encontraram dois homens, um official e um marinheiro. O primeiro estava gravemente ferido e o segundo solidamente amarrado com cabos.

O official contou que durante a travessia tinha sido o marujo accomettido d'um accesso de furia, matando o capitão e cinco homens da tripulação, e atirando os cadaveres ao mar.

O official foi o ultimo atacado e posto que gravemente ferido durante a lucta, conseguiu dominar o perigoso louco, amarrando-o.

Quando chegou a Copenhague o capitão do *Morso* entregou o assassino ás auctoridades do porto.

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado, receiando ter deixado, por esquecimento, de agradecer a algumas das pessoas, que se dignaram visital-o ou dirigir-lhe expressões de condolencia, por occasião do fallecimento de sua querida filha, e bem assim ás que lhe dêram uma nova prova de amizade, fazendo-lhe a honra de acompanhar á sua ultima morala o cadaver da defunta, vem sanar essa falta, apesar de involuntaria, tributando-lhes um profundo reconhecimento.

E, porque não lhe soffre o animo mais delongas, aproveita o ensejo para testemunhar tambem a sua profunda gratidão a todos os individuos, tanto d'esta cidade como d'outras terras, que, durante a perigosa e cruel enfermidade que tão pertinazmente o feriu, e de que ia sendo victima, lhe mostraram, por qualquer modo ou meio, que se interessavam pelas suas melhoras e restabelecimento; comprehendendo, n'esse testemunho, o que aqui presta, ás redacções de todos os jornaes da localidade, pelos desejos que lhe manifestaram d'essas melhoras, e ao ex.ºº facultativo Luiz Regalla, pelo seu extremo cuidado, zelo, dedicacão e desinteressada assiduidade, com que sempre o tratou, durante o periodo mais grave, e continúa a tratar, agora que se acha em principios, ainda que morosos, de restabelecimento.

Sente ter de cumprir taes deveres por este meio, de que pede desculpa, por o seu estado de saude lhe não permitir ainda fazel-o pessoalmente, como desejava, e como espera fazer, logo que lhe seja possivel.

S. C.—Aveiro, 25 de outubro de 1887.

Francisco de Pinho Guedes Pinto.

BIBLIOGRAPHIA

Historia de Victor Hugo.
—Sahiu o 28.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

A Martyr. — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos. Recebemos o fasciculo 42. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 14 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico. Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 43 d'este magnifico jornal de modas.

ANNUNCIOS

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispapsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA DO

POVO DE AVEIRO

Imprimem-se cartões de visita, avisos, participações de casamento e cartas de convite

PREÇOS CONVINDATIVOS

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA EM —AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Agencia Economica, Maritima e Commercial

Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz e guarda-soes de todas as qualidades,

concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimosos.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

A MARTYR

POR EMILE RICHEBOURG

Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 100.000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Continho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 17 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que merecem os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis. Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de CLAVEL & C.ª

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approvada por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

À LIVRARIA CRUZ CONTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

EDITORES — BELEM & C.ª

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESTE notavel romance de Xavier de Montepin não é uma simples obra de phantasia; o seu entreccho é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Apontar com exemplos frisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possam por qualquer fórma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão torpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradável pela animação dos dialogos, pela exactidão das descrições e pelo interesse sempre crescente das suas peripecias

Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empreza, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album de Minho

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Conde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoia de Varzim.

A empreza pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promette continuar a offerecer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma collectão equal e esmeradamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.